



UM SINGULAR DE MÁ VONTADE: CONCEPÇÕES ACERCA DA CRIAÇÃO NO PENSAMENTO DE GILLES DELEUZE

A singular of bad will: conceptions on the creation in the thought of Gilles Deleuze

Carlos Eduardo Ferreira

Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP); Mestrando em Filosofia Contemporânea pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

carlosedferreira@gmail.com

Resumo: Neste artigo, buscamos fazer uma trajetória pela filosofia de Gilles Deleuze, procurando compreender de que forma o pensamento é produzido. Desta forma, abordamos conceitos fundamentais em sua obra e através de um exercício de pensamento em conjunto com Guattari e François Zourabichvili, investigaremos como se dá a noção de imagem do pensamento e seu efeito na história da filosofia. A imagem do pensamento é o que direciona e determina as coordenadas que o pensamento produz após o choque com determinado signo, e ela pode tanto se apoiar em figuras e pressupostos quanto pode criar e dar uma nova interpretação ao signo. Segundo nossos autores, são duas as imagens do pensamento: a imagem dogmática que se pauta na moral e na representação; e uma outra imagem que implica na criação. O pensamento, por não ser concebido como um bem natural na filosofia da diferença, necessita de um choque com determinado signo para que seja produzido. Buscaremos compreender quais são os pressupostos objetivos e subjetivos do pensamento, como o choque com o signo acontece dentro das possibilidades e a necessidade que faz pensar. Pensar não depende de uma boa vontade e nem é inerente ao sujeito.

Palavras-chave: Deleuze. Pensamento. Criação.

Abstract: In this article, we seek to make a trajectory through the philosophy of Gilles Deleuze, trying to understand in what way the thought is produced. In this way, an approach of fundamental concepts in his work is realized and through an exercise of thought together with Deleuze, Guattari and François Zourabichvili, will be investigated how the notion of image of thought works and its effect in the history of philosophy. The image of thought is what directs and determines the coordinates that the thought produces after the clash with the sign, and it can both rely on figures and assumptions as it can create and give a new interpretation to the sign. According to the authors, there are two images of thought: the dogmatic image that is based on morality and representation; and other image of thought that implies in creation. To the authors, thought is not conceived as a natural will within the philosophy of difference, its needed a clash with a certain sign to the thought be produced. In this research an effort is made in order to understand what the objective and subjective presuppositions of thought is, how the

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

clash with the sign happens within the possibilities and the necessity that makes the thought. Thinking does not depend on goodwill and not belonging to the subject.

Keywords: Deleuze. Thought. Creation.

Considerações Introdutórias

Pensar não é uma tarefa simples para Gilles Deleuze. O pensamento não se dá como um bem natural, muito pelo contrário, Deleuze é avesso à ideia de que o pensador busca o bem naturalmente, como se o pensamento possuísse uma natureza e afinidade com a verdade. O pensamento para Deleuze, só pode ser produzido após um choque com um determinado signo, signo este que nos força a pensar. O pensamento surge, de fato, após um arrombamento, em um encontro. É necessário que uma violência tire o pensamento de seu conforto natural. Na obra *Diferença e Repetição* Deleuze diz: “‘Todo mundo’ bem sabe que, de fato os homens pensam raramente e o fazem mais sob um choque do que no elã de um gosto” (DELEUZE, 1988, p. 220). E em outra obra anterior, em relação a Nietzsche, ele já havia dito:

O pensamento nunca pensa só e por si mesmo; do mesmo modo nunca é simplesmente inquietado por forças que lhe seriam estranhas. Pensar depende de forças que se apoderam do pensamento. Enquanto nosso pensamento estiver ocupado por forças reativas, enquanto ele encontrar o seu sentido nas forças reativas, é preciso reconhecer que ainda não pensamos (DELEUZE, 1976, p. 162).

Pensar não depende de uma boa vontade e nem é inerente ao sujeito. Raramente se pensa, e quando se pensa é porque estamos forçados a pensar.

Além disso, Deleuze afirma que pensar não implica, necessariamente, em partir de pressupostos dados *a priori*:

Não se trata de dizer que poucas pessoas pensam e sabem o que significa pensar. Mas, ao contrário, há alguém, mesmo que seja apenas um, com a modéstia necessária, que não chega a saber o que todo mundo sabe e que nega modestamente o que se julga ser conhecido por todo mundo. Alguém que não se deixa representar e que também não quer representar quem quer que seja. Não um particular dotado de boa vontade e de pensamento natural,

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

mas um singular cheio de má vontade, que não chega a pensar nem na natureza e nem no conceito. Só ele não tem pressupostos (DELEUZE, 1988, p. 217).

O pensamento não é, desta forma, um ato de reconhecimento. O pensamento, é um ato de criação original, é original justamente por não se deixar representar.

Dos pressupostos objetivos e subjetivos

Em *Diferença e Repetição*, Deleuze divide os pressupostos filosóficos em objetivos e subjetivos. Os pressupostos objetivos são os conceitos propriamente ditos que gozariam de uma objetividade, por exemplo: homem, racional, justiça, verdade e muitos outros. Eles independem do sujeito, que empregam conceitos já concretizados e dados em uma objetividade universal. São conceitos dados, universais, que existiriam antes mesmo do pensamento e acerca dos quais todos concordam. Quando os filósofos se debruçam sobre tais conceitos, por tomá-los como pressupostos necessários em si mesmos, os concebem como a condição preliminar de todo o pensamento. É precisamente nesse ponto que se localiza o primeiro problema do pensamento: como começar? Pois, ou se começa de fato, ou se recomeça, se reproduz um movimento já previamente começado, já dado. Eis o problema dos pressupostos, uma vez que o pensamento, para começar de fato a pensar, precisa eliminar os pressupostos. Ao se referir sobre começar em filosofia em *Diferença e Repetição* Deleuze diz: “O problema do começo em Filosofia foi sempre considerado, com razão, como muito delicado, pois começar significa eliminar todos os pressupostos” (DELEUZE, 1988, p. 215).

E nessa tentativa de começar uma filosofia isenta de pressupostos, muitos filósofos não se dão conta de que, mesmo eliminando os pressupostos objetivos, ainda caem nas armadilhas dos pressupostos subjetivos: Deleuze diz: “Todavia, é evidente que ele não escape de pressupostos de outra espécie, subjetivos ou implícitos, isto é, envolvidos num sentimento, em vez de o serem num conceito: Supõe-se que cada um saiba, sem conceito, o que significa eu, pensar, ser”. (DELEUZE, 1988, p. 215).

Na citação acima, de *Diferença e Repetição*, Deleuze dialoga com Descartes, que busca atingir um “eu puro”, eliminando todos os pressupostos. Pressupostos subjetivos são aqueles implícitos, nem sempre são ditos através de conceitos e dão a aparência de uma

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

filosofia isenta de pressupostos: “*Todo mundo sabe’ o que significa eu ou pensar*” (DELEUZE, 1988, p. 2016). Os pressupostos subjetivos aparentam ser do senso comum, no sentido de que é de comum acordo que todos saibam o que significa tal coisa. Esses pressupostos aparentam não ser filosofia, aparentam estar ali antes mesmo que a filosofia comece, pois o começo de toda filosofia teria como tarefa primeira, efetivamente, eliminar os pressupostos. É como se possuíssem um significado universal, necessário e eterno. Quando Descartes chega no “eu puro” ele aparenta estar começando uma filosofia do zero, isenta de pressupostos, mas segundo Deleuze, está caindo na armadilha dos pressupostos subjetivos: “eu”, “penso”, “sou”.

Na obra *O que é a Filosofia*, Deleuze volta a dialogar com Descartes e traz novamente a afirmação de que o filósofo francês não elimina os pressupostos, dado que esta era sua intenção nas *Meditações Metafísicas*, segundo Deleuze, a imagem do pensamento cartesiana cai em pressupostos subjetivos e implícitos. Nas palavras de Deleuze e Guattari:

O cógito de Descartes é criado como conceito, mas tem pressupostos. Não como um conceito supõe outros (por exemplo, “homem” supõe “animal” e “racional”). Aqui os pressupostos são implícitos, subjetivos e pré-conceituais, e formam uma imagem do pensamento: Todo mundo sabe o que significa pensar. Todo mundo tem a possibilidade de pensar, todo mundo quer o verdadeiro... (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p 75).

Os pressupostos subjetivos aparentam mais estarem envolvidos em um sentimento do que de conceitos, são pressupostos que se apresentam como verdades inquestionáveis. Descartes é filósofo e é através desses pressupostos que constrói sua imagem do pensamento, baseada na moral e no bom senso, afinal, ele assegura afinidade entre o pensamento e a verdade. Vejamos o exemplo de Deleuze em *Diferença e Repetição*:

“Todo mundo” bem sabe que de fato, os homens pensam raramente e o fazem mais sob um choque do que no elã de um gosto. E a célebre frase de Descartes, segundo a qual o bom senso (a potência de pensar) é a coisa do mundo melhor repartida, é apenas um velho gracejo, pois consiste em lembrar que os homens lamentam, a rigor, a falta de memória, de imaginação ou mesmo de ouvido, mas se sentem sempre muito bem-dotados no ponto de vista da inteligência e do pensamento. Mas se Descartes é filósofo, é porque se serve deste gracejo para erigir uma imagem do pensamento tal como ele é *de direito*: a boa natureza e a afinidade com o verdadeiro pertenceriam, de direito, ao pensamento, qualquer que fosse a dificuldade de traduzir o direito nos fatos ou de reencontrar o direito para além dos fatos (DELEUZE, 1988, p. 220).

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

Pelos pressupostos podemos identificar a imagem do pensamento de um filósofo, através deles que podemos observar se seu pensamento se realiza em verdades dadas *a priori* ou se baseia por conceitos, oriundos da experiência.

Nesses diálogos com Descartes, Deleuze nos apresenta exemplos daquilo que ele chama de imagem do pensamento. A imagem do pensamento não é um conceito estabelecido por Deleuze, mas uma noção que permeia sua obra. Ela não é um conceito justamente porque é anterior a criação do conceito. A imagem do pensamento é o plano de imanência povoado pelos conceitos, são as coordenadas e dinamismos problemáticos que guiam a criação conceitual. Os conceitos fazem recortes neste plano, cada conceito traduz algo a sua maneira. “Cada conceito corta o acontecimento, o recorta à sua maneira” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.43).

O signo

Como Deleuze diz, além de raramente pensar, o homem só o faz sob um choque, do que no elã de um gosto (1988, p. 220), ou seja, é necessário chocar-se com algo para que o pensamento seja produzido, é necessário um encontro, mas não qualquer encontro, um encontro não amigável e que abale nossas estruturas. O pensamento não é algo desejável ou voluntário, e sim, algo involuntário que escapou da simples representação.

É necessário um encontro contingente, o objeto desse encontro é o que Deleuze chama de signo: “Há no mundo alguma coisa que força a pensar. Este algo é o objeto de um *encontro* fundamental e não de uma reconhecimento” (DELEUZE, 1988 p. 231). E ainda:

O que nos força a pensar é o signo. O signo é o objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento. Ora, essa gênese implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira de seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas. Pensar é sempre interpretar, isto é, desenvolver, decifrar, traduzir um signo (DELEUZE, 2010, p. 91).

O signo, assim sendo, não é uma representação linguística, como é comumente compreendido. Trata-se de uma inovação conceitual que Deleuze produz a partir de Marcel Proust e sua obra *Em Busca do Tempo Perdido*. O signo, mais precisamente, é o objeto de um

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

encontro que tira o pensamento de seu conforto original, ou melhor, é aquilo que força o pensamento. O signo é justamente aquilo que não reconhecemos, é algo inadequado a nossa estrutura cognitiva, àquilo que Deleuze chamou de pressupostos. Por isso, quando encontrado, o signo causa um incômodo, já que não é reconhecido. Assim sendo, todo encontro com um signo desse tipo é necessariamente um desacordo, pois se trata de um choque com uma matéria selvagem que não se deixa reconhecer, que não se deixa capturar. Como vimos, pensar não é um bem natural ou uma boa vontade, pois é preciso o choque com o signo que abale o pensador, e só após esse abalo o pensamento se dá. Sem uma tal violência o pensamento permanece em seu estado de pura possibilidade, ou, quando muito, se limita tão somente a reconhecer, à reconhecimento, à reprodução e à representação. Pensar é traduzir o signo e não reconhecer, e é em tal tradução que se localiza toda a potência criadora do pensamento. Se buscamos alguma verdade, que não se baseia em pressupostos, é porque estamos forçados a ela. Em *Proust e os Signos*, Deleuze diz:

Só procuramos a verdade no tempo, coagidos e forçados. Quem procura a verdade é o ciumento que descobre um signo mentiroso no rosto da criatura amada; é o homem sensível quando encontra a violência de uma impressão; é o leitor, o ouvinte, quando a obra de arte emite signos, o que o forçará talvez a criar, como o apelo do gênio a outros gênios (DELEUZE, 2010, p. 91).

Quando Deleuze fala em pensamento, este não pode ser confundido com imagem do pensamento, pois esta é anterior ao ato de pensar. O pensamento só acontece depois que se choca com o signo que o tira de seu repouso, o arromba, abala todas as estruturas do pensamento, seus pressupostos, e coloca o filósofo como um idiota, um idiota que não reconhece e não quer ser representado. Quando todo mundo está dizendo a mesma coisa em consenso, quando todo mundo está repetindo aquilo que “todo mundo sabe” só o idiota se levanta e diz: “Eu não sei”:

Mesmo que tenhamos de ser idiota, sejamo-lo à maneira russa: Um homem do subsolo, que nem se reconhece nos pressupostos subjetivos de um pensamento natural nem nos pressupostos objetivos de uma cultura de seu tempo e que não dispõe de compasso para traçar um círculo. Ele é o Intempestivo, nem temporal e nem eterno (DELEUZE, 1988, p.217).

Não pode ser que todo mundo saiba, ele discorda de todo mundo, não se sente representado por todo mundo, mas não é um discordar opositor e dialético, como se

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

discordasse daquela verdade porque opõe a ela outra verdade. Trata-se de uma dissonância, de um desacordo fundamental em relação aos pressupostos. É a discordância de um idiota que não concorda em nada com aquilo porque está totalmente desconfiado, desconfiado que a verdade não é aquela, mas também não sabe qual é, nem sabe se busca a verdade. Em *Diferença e Repetição* Deleuze diz:

O que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo, e nada supõe a Filosofia; tudo parte de uma misosofia. Não contemos com o pensamento para fundar a necessidade relativa do que ele pensa; contemos, ao contrário, com a contingência de um encontro com aquilo que força a pensar, a fim de erguer e estabelecer a necessidade absoluta de um ato de pensar, de uma paixão de pensar. As condições de uma verdadeira crítica e de uma verdadeira criação são as mesmas: destruição da imagem de um pensamento que pressupõe a si próprio, gênese do ato de pensar no próprio pensamento. (DELEUZE, 1988, p. 230).

Pensar é traduzir um signo. Traduzir não é o mesmo que reconhecer ou representar, mas sim, criar, uma vez que os termos da tradução não estão dados previamente, pois precisam ser criados. Traduzir um signo não é transferir, não é transpor nem substituir um termo por outro equivalente, muito menos apresentar o seu significado, como se este já estivesse dado em um significante que pode ser reconhecido por todos: é uma mesa, é uma cadeira, é uma árvore, é um professor, é um policial. Não há equivalentes para um signo dissonante, inesperado, contingente e irrepresentável. É o entendimento que podemos destacar dessa passagem:

Traduzir, decifrar, desenvolver são a forma da criação pura. Nem existem significações explícitas nem ideias claras, só existem sentidos implicados nos signos; e se o pensamento tem o poder de explicar o signo, de desenvolvê-lo em uma Ideia, é porque a Ideia já estava presente no signo, em estado envolvido e enrolado, no estado obscuro daquilo que força a pensar (DELEUZE, 2010, p. 91).

O signo traz o novo, a novidade, aquilo que não pode ser reconhecido, pois só pode ser decifrado e traduzido por um movimento de criação. O signo é obscuro justamente porque não se deixa representar, e ele incomoda e violenta justamente porque é obscuro. O signo é a própria novidade, mas em estado obscuro. Não é uma forma linguística, é uma força do mundo. A criação é o ato do pensamento pelo qual a novidade do signo, em si mesma

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

obscura, é trazida à luz. Traduzir um signo é, portanto, fazer ver, ouvir, sentir e pensar aquilo que em si ainda não foi visto, ouvido, sentido e nem pensado. Nós não temos escolha sobre nosso pensamento, ele não é natural. Pensar surge diante de uma necessidade, necessidade esta que toma o filósofo, deixando-o sem alternativas, a não ser criar. O pensador, inicialmente, é passivo. Somente após se chocar violentamente com o signo, só após esse encontro contingente e não amigável que o pensamento é criado. Em *Proust e os Signos* temos a seguinte afirmação:

Há sempre a violência de um signo que nos força a buscar, que nos rouba a paz... A verdade nunca é o produto de uma boa vontade prévia, mas o resultado de uma violência no pensamento... A verdade depende de um encontro com algo que nos força a pensar e buscar o verdadeiro... É o acaso do encontro que garante a necessidade daquilo que é pensado... Que quer aquele que diz ‘eu quero a verdade’? Ele só a quer coagido e forçado. Ele só a quer sob o império de um encontro conectado a tal signo (DELEUZE, 2010, p. 24-25).

Como o pensamento não é um bem natural não existe nele nenhuma pré-disposição, pelo contrário, se não for o choque com o signo que o toma e impõe essa necessidade o pensamento ficaria em seu conforto, ou seja, nem sequer seria um pensamento. Zourabichvili diz o seguinte: “Com efeito, o pensamento, ele próprio, não escolhe o que é necessário; é preciso que aquilo que ele pensa não dependa absolutamente dele. A essa necessidade a filosofia deu o nome de verdade.” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 37).

A verdade na história da filosofia

Por muito tempo, durante a história da filosofia, a verdade foi tratada como uma finalidade do pensamento, foi traçado um liame entre os dois, como se bastasse apenas refletir e a verdade pudesse ser desvelada. A verdade, dessa forma, era dada *a priori* no pensamento, ela já estava condicionada, estabelecida como pressuposto.

O pensamento não busca a verdade como um bem natural, ele não tem nenhum compromisso com a verdade. A imagem do pensamento do tipo racionalista acredita de fato que é possível alcançar uma verdade, e é isto que a torna tão excludente. Se o pensamento parte em busca da verdade é porque neste signo algo havia que fez com que o pensador se

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

colocasse em busca da verdade, a sua imagem do pensamento busca a verdade, mas de nenhuma forma isso é natural do pensamento.

Essa afinidade do pensamento com a verdade é uma ilusão, uma perigosa ilusão de que existe uma verdade a ser alcançada, uma unidade, essência, o ser. Uma ilusão que passou de várias formas pela história da filosofia, seja em Anaximandro de Mileto, Parmênides, Descartes, Hegel e tantos outros que partiram nessa busca pela verdade-unidade. Zourabichvili diz:

A filosofia fracassa na busca de um conceito primeiro, porque começar não depende dela. Se não há liame natural entre o pensamento e a verdade, se o pensamento não está originalmente em conexão com o verdadeiro, não depende dele pôr-se a procurar o verdadeiro, e ele nem mesmo teria originalmente esse gosto. Amar o verdadeiro não é espontâneo (ZOURABICHVILI, 2016, p. 51).

Por não ser natural, o pensamento depende desse choque, desse desconforto com algo externo para que possa ser expressado. O signo é um encontro com o externo, é quando o pensamento encontra com seu fora. Zourabichvili diz:

Para Deleuze, portanto, trata-se de conseguir afirmar a conexão de exterioridade que liga o pensamento ao que ele pensa. Se o pensamento malogra necessariamente quando tenta apoderar-se do seu começo, talvez seja porque começar não dependa dele. Assim, ele pode pensar as condições de um começo radical absoluto e enunciar, ao mesmo tempo, “que estamos sempre no meio”, e que uma filosofia não começa, não pensa a partir do princípio que ela enuncia como primeiro. O verdadeiro começo está necessariamente fora do conceito ou no limite do conceito, e depende da capacidade deste último de não se fechar sobre si, capacidade de implicar, ao contrário, a conexão com o fora, que é de onde ele tira sua necessidade (ZOURABICHVILI, 2016, p. 46).

Em muitos casos, na história da filosofia, pensar é o mesmo que reconhecer. Quando pensamos algo, para essas perspectivas, estamos reconhecendo algo. O outro é, assim, capturado pelo pensamento que se coloca de prontidão a definir o que ele é. É dito que o filósofo é aquele que interpreta as coisas, que as coisas estão aí e existe um liame natural entre nosso entendimento e as coisas, que faz com que possamos descobrir a verdade sobre elas; se é dada a possibilidade de descobrirmos a verdade, é porque existe uma relação do pensamento com a verdade. A verdade pode ainda não ser revelada, mas de antemão, *a priori*, o pensamento já a possui, existe uma ligação entre eles, é somente questão de tempo. Não é à

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

toa que por muito tempo se usou a palavra desvelar na história da filosofia. O pensamento, nesse caso, é unido à verdade. Não só a ela, mas à possibilidade de entendimento. Mesmo não alcançando a verdade, as formas para capturar já se encontrariam em nosso entendimento.

Levando em consideração nossos apontamentos referentes ao pensamento, buscamos agora analisar os dois tipos de imagem do pensamento que encontramos na filosofia de Deleuze.

Das imagens do pensamento

A imagem do pensamento é que direciona e determina as coordenadas que o pensamento produz após o choque com o signo, e ela pode, tanto se apoiar em figuras e pressupostos quanto pode criar, dar uma nova interpretação ao signo. Lembrando que a novidade é sempre uma tradução, a imagem de início e fim na filosofia são imagens turvas que cegam os filósofos, conservando as forças do vir a ser.

Os conceitos filosóficos são totalidades fragmentárias (DELEUZE, 1992, p. 45) que operam como um corte no caos. São eles que dão consistência ao plano de imanência do filósofo. São movimentos, dado que um conceito nunca está acabado ou terminado, o plano de imanência é a imagem do pensamento. As duas imagens do pensamento aqui trabalhadas são consistências destes modelos de planos de imanência. A respeito do plano de imanência, Deleuze e Guattari dizem:

O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento... Não é um método, pois todo método concerne eventualmente aos conceitos e supõe uma tal imagem (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p 47).

A imagem do pensamento é o ponto de encontro do pensamento com a vida. Ela não pode e nem deve ser confundida com pensamento, é anterior a ele, porém não o abandona, como uma sombra sempre presente, mas uma sombra ativa, que o guia e o acompanha. É um plano onde os horizontes se movimentam. Em seus primeiros escritos, até a obra *Diferença e Repetição*, Deleuze descrevia a imagem do pensamento como algo negativo, após *Diferença e Repetição*, ele nos apresenta uma nova imagem do pensamento, uma alternativa à imagem do pensamento que ele chama de dogmática, essa nova imagem é ligada diretamente com a

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

criação. Após o choque com o signo, o pensamento toma determinada coordenada, como dito, pensar é traduzir um signo, e essa tradução é que lhe dá o sentido. Vejamos do que se trata a imagem dogmática do pensamento.

A imagem dogmática do pensamento

A imagem dogmática do pensamento é aquela que julga tudo. A imagem dos pressupostos. A imagem dogmática diz buscar a verdade, e nessa tentativa de busca da verdade, ela nega o vir a ser, o devir se torna prisioneiro, seja num método, seja em pressupostos ou em um espírito absoluto. Essa imagem insere a moral no pensamento. Em *Diferença e Repetição* Deleuze diz:

Segundo esta imagem, o pensamento está em afinidade com o verdadeiro, possui formalmente o verdadeiro e quer materialmente o verdadeiro. E é sobre esta imagem que cada um sabe, que se presume que cada um saiba o que significa pensar. Pouco importa então que a filosofia comece pelo objeto ou pelo sujeito, pelo ser ou pelo ente, enquanto o pensamento permanecer submetido a esta imagem que já prejudica tudo, tanto a distribuição do objeto e do sujeito quanto do ser e do ente (DELEUZE, 1988, p. 219).

Nessa imagem o signo surge como um objeto estranho, mas logo é aprisionado e moralizado. O signo, que até então era uma novidade, perde seu caráter de novidade pois a imagem dogmática o aprisiona em pressupostos morais. O signo, neste caso, é reconhecido.

Na imagem dogmática não há espaço para a diferença, pois se presumimos que o pensamento possui o verdadeiro e busca o verdadeiro como um bem natural, o diferente aqui é visto como erro, como desvio da verdade. Deleuze, por Nietzsche, nos diz o seguinte:

Quando Nietzsche se interroga sobre os pressupostos mais gerais da Filosofia, diz serem eles essencialmente morais, pois só a Moral é capaz de nos persuadir de que o pensamento tem uma boa natureza, o pensador uma boa vontade e só o Bem pode fundar a suposta afinidade do pensamento com o Verdadeiro (DELEUZE, 1988, p.219).

A moral, na imagem dogmática, opera como limite ao pensamento. “É imoral pensar desta forma”, “só um idiota pode pensar assim”; é o que se diz quando se pensa fora dos pressupostos de determinada época. O pensamento, dessa forma, se torna prisioneiro de uma força reativa que o contrai e o aprisiona. O pensamento da moral tem medo de criar, ou melhor, a criação não é lhe permitida, a novidade não tem espaço nele.

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

Na imagem dogmática não se permite criar, apenas reconhecer. Os pressupostos julgam a novidade, que passa a ser reconhecida ou apresentada como erro. Na imagem dogmática o diferente é visto como errado, a diferença nos afasta do bem e da verdade, a diferença é imoral. Em *Nietzsche a Filosofia*, Deleuze define a imagem dogmática:

A imagem dogmática do pensamento aparece em três teses essenciais: 1º É-nos dito que o pensador enquanto pensador quer e ama o verdadeiro (veracidade do pensador); que o pensamento como pensamento possui ou contém formalmente o verdadeiro (inatismo da ideia, *a priori* dos conceitos); que pensar é o exercício natural de uma faculdade, que basta portanto, pensar ‘verdadeiramente’ para pensar com verdade (natureza reta do pensamento, bom senso universalmente partilhado); 2º É-nos dito também que somos desviados do verdadeiro, mas por forças estranhas ao pensamento (corpo, paixões, interesses sensíveis). Porque não somos apenas seres pensantes, caímos no erro, tomamos o falso pelo verdadeiro. O erro: tal seria o único efeito, no pensamento enquanto tal, das forças exteriores que se opõem ao pensamento; 3º É-nos dito finalmente que basta um método para bem pensar, para pensar verdadeiramente. O método é um artifício, mas pelo qual nos reunimos à natureza do pensamento, aderimos a esta natureza e conjuramos os efeitos das forças estranhas que o alteram e nos distraem. Pelo método, conjuramos o erro. Pouco importa a hora e o lugar, se aplicarmos o método: este faz-nos penetrar no domínio daquilo ‘que vale para todos os tempos, para todos os lugares’. (DELEUZE, 1976 p.156)

Na citação acima Deleuze enumera em três teses essenciais que ajudam a compreender a imagem dogmática: Primeiro, a ideia de que o pensador busca o verdadeiro e que o pensamento tem uma certa afinidade com a verdade. Esse pressuposto, tão presente na história da filosofia, identifica o elemento do pensamento com a verdade, é como se a verdade pudesse ser desvelada. Dessa forma, o pensador eliminaria todos os enganos que não fazem parte do pensamento e assim poderia de fato encontrar a verdade – natureza reta do pensamento. Em seguida, as forças estranhas ao pensamento, como o corpo, as paixões, os interesses, ou seja, tudo aquilo que é empírico, singular, tudo que deriva da experimentação serve para poluir o pensamento, desviar de seu caminho natural. O corpo é visto como objeto de engano, por isso, a necessidade de um método, um guia de como pensar corretamente, com pressupostos que devem ser seguidos para que o pensamento atinja seu objetivo natural, a verdade. Verdade essa, sendo tratada pelos pensadores como universal.

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

A imagem dogmática se contradiz, pois ao mesmo tempo em que traça uma natureza reta entre o pensamento e a verdade, precisa de um método para guiar o pensamento até a verdade.

A representação nada mais é que a reapresentação de alguma coisa segundo as formas do sujeito. Logo, o sujeito só conhece aquilo que ele representa nas suas formas. Por isso é que o reconhecimento e a representação andam juntas, participam de um mesmo modelo moral de pensamento. Para esse modelo o pensamento precisa prejudicar tudo, segundo as formas dadas previamente. É exatamente por isso que o pensamento precisa estar conforme as suas formas, para que ele seja verdadeiro, isto é, é preciso que as coisas sejam reproduzidas no sujeito.

A imagem dogmática nega as experiências, aprisiona o movimento do pensamento, qualquer tentativa de singularidade é universalizada e julgada: “A forma da reconhecimento nunca santificou outra coisa que não o reconhecível e o reconhecido, a forma nunca inspirou outra coisa que não fossem conformidades” (DELEUZE, 1988 p. 223). Nessa imagem existe um modo de fazer as coisas, aquilo que não está de acordo com este modo não pode estar certo, deve ser afastado, recuado ou até exterminado.

Na imagem dogmática, o critério da verdade aparece como categoria do pensamento. Ela considera que o pensamento tende a buscar naturalmente a verdade, que há uma boa vontade e pré-disposição no pensamento. Zourabichvili conclui que: “A imagem dogmática deriva da interiorização da conexão filosofia-fora ou filosofia-necessidade. Ela se exprime: 1) na crença num pensamento natural; 2) no modelo geral da reconhecimento; 3) na pretensão ao fundamento” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 39).

Uma nova imagem do pensamento

Como pode ser possível uma imagem fora dos modelos da representação? Deleuze trabalha com a noção de pensamento sem imagem, uma nova imagem do pensamento que deriva da experiência. Essa imagem se permite experimentar antes de tecer julgamentos, sua forma de capturar um signo não é a da representação, mas a da tradução. Como já dissemos anteriormente, traduzir um signo não é o mesmo que reconhecer, é criar.

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

É o plano de imanência onde os elementos do pensamento são o sentido e o valor, neste plano o pensamento não possui afinidade nenhuma com a verdade, somente com as forças que lhe atravessam. Em *Nietzsche e a Filosofia* Deleuze pontua:

Uma nova imagem do pensamento significa em primeiro lugar o seguinte: o verdadeiro não é um elemento do pensamento. O elemento do pensamento é o sentido e o valor. As categorias do pensamento não são o verdadeiro e o falso, mas o nobre e o vil, o elevado e o baixo consoante a natureza das forças que se apoderam do próprio pensamento (DELEUZE, 1976, p. 157).

A busca pela verdade no pensamento ignora as forças que se apoderam dele, ignora que o pensamento é constituído por forças e que se alcançou alguma verdade, esta nada mais é que a efetuação de um sentido ou realização de um valor. Um sentido que lhe concebemos e valor naquilo que cremos. Deleuze afirma:

Quando se fala da verdade no sentido restrito, do verdadeiro como tal é em si, para si e até para nós, devemos perguntar quais forças que se escondem no pensamento desta mesma verdade, portanto, qual é o seu sentido e qual o seu valor (DELEUZE, 1976, p. 156).

Seja na ideia de fim, de buscada verdade, essência ou de verdadeiro começo da filosofia, construir a filosofia baseada em uma verdade encontrada *a priori*, limita o vir a ser e o devir. A filosofia que busca a verdade se torna escrava de pressupostos colocados por ela mesma. Deleuze diz: “Conhece-se pensamentos imbecis, discursos imbecis que são completamente constituídos por verdades; mas essas verdades são baixas, são as de uma alma baixa, pesada e de chumbo.” (DELEUZE, 1976, p. 158).

A nova imagem do pensamento é potência criadora, por não compactuar com o modelo da representação, essa imagem do pensamento é um universo de possibilidades. Justamente por não se representar, por não concordar com os pressupostos, a nova imagem do pensamento se faz como uma linha de fuga.

Foi definido uma função para a filosofia, a de buscar a verdade. Foi dado como natureza e objetivo do pensamento a busca da verdade, muitos filósofos se aventuraram nessa busca pela verdade e definiram o que era filosofia, alguns como Kant, criaram até júri em cima disso, julgando a vida e as experiências como inferiores a razão. Ora, Deleuze nos

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

mostra que se há qualquer tipo de função na filosofia esta não é outra a não ser criar conceitos. Em Nietzsche e a Filosofia Deleuze diz para que serve a filosofia:

A filosofia serve para afligir. A filosofia que não aflige ninguém e não contraria ninguém não é uma filosofia. Serve para atacar o disparate, faz do disparate qualquer coisa de vergonhoso. Tem apenas um único uso: denunciar a baixeza do pensamento sob todas as suas formas. Haverá uma disciplina, fora da filosofia, que se proponha criticar todas as mistificações quaisquer que sejam a fonte e o objetivo? Denunciar todas as mistificações sem as quais as forças reativas não poderiam imperar. (DELEUZE, 1976, p. 159).

A criação é uma contingência e uma necessidade, criar é uma fuga do modelo da representação, só o idiota pode criar. A criação é a única necessidade do filósofo, é a fuga do modelo da representação.

O plano de imanência de um filósofo é sua interpretação de um mundo, é sua tentativa de responder problemas, de dizer aquilo que é impossível de ser dito, por isso a filosofia trabalha com conceitos. O conceito é a única criação, o único compromisso da filosofia. É necessário que se atinja o ateísmo do conceito para que possa criar, a criação não é pensar por figuras e o conceito não é uma forma.

A representação nada mais é que a reapresentação de alguma coisa segundo as formas do sujeito. Logo, o sujeito só conhece aquilo que ele representa nas suas formas. Por isso é que o reconhecimento e a representação andam juntas, participam de um mesmo modelo moral de pensamento. Para esse modelo o pensamento precisa prejudicar tudo, segundo as formas dadas previamente. É exatamente por isso que o pensamento precisa estar conforme as suas formas, para que ele seja verdadeiro, isto é, é preciso que as coisas sejam reproduzidas no sujeito.

Assim sendo, o pensamento fica impedido de criar, uma vez que ele deve se limitar a reproduzir. Eis aí a imagem moral, que interdita a criação. É por isso também que o pensamento é impessoal, uma vez que ele deve romper com as formas do sujeito que o impedem de criar. Tais formas impõem uma conformidade ao pensamento, quando a tarefa é justamente trazer à luz aquilo que não é conforme a nada: o signo. Conformar o signo é assassiná-lo, e eternizar a *doxa*.

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles Deleuze

De um lado, é evidente que os atos da reconhecimento existem e ocupam grande parte de nossa vida cotidiana: é uma mesa, é uma maçã, é o pedaço de cera, bom-dia Teeteto. Mas quem pode acreditar que o destino do pensamento se joga aí e que pensemos quando reconhecemos? (DELEUZE, 1988, p. 224).

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

_____. **Proust e os Signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____; GUATTARI, F. **O Que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

ZOURABICHVILI, F. **Deleuze: Uma Filosofia do Acontecimento**. Tradução e prefácio de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016.

FERREIRA, Carlos Eduardo

Um singular de má vontade: concepções acerca da criação no pensamento de Gilles
Deleuze